

## DISCURSO DE POSSE NO IHGP

*"Quando eu morrer, lágrimas surgirão do seio da terra. Nessa mesma noite, um imenso véu de luz se confundirá com o orvalho. E quero ser lembrado, como um homem que amou sobretudo a vida."*

Com as poéticas palavras de meu Patrono **Augusto Meira Filho**, saúdo a Excelentíssima Senhora Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, **Prof<sup>ª</sup>. Anaíza Vergolino e Silva**, em nome da qual cumprimento toda a Diretoria deste centenário Silogeu. Saúdo as autoridades presentes, meus amigos do Corpo Consular do Pará, meus caríssimos amigos Sacerdotes, meus novos Confrades e Confreiras, minha amada família e meus bons amigos. Senhoras e senhores,

O amor, do qual fala a frase de meu ilustre Patrono, torna-se a partir de agora a essência de minha fala. O amor a vida que nos foi dada por nosso Criador; o amor às pessoas, tanto àquelas com as quais convivemos quanto aos que nos precederam; e um singelo amor ao lugar em que vivemos.

"O amor é tudo! O amor é eterno! Uma alma abrasada em amor não pode permanecer inativa!". Palavras da pequena e humilde Santa Teresinha, cuja festa no tradicional calendário litúrgico católico é realizada no dia de hoje: 3 de outubro. A existência de **Augusto Ebremar de Bastos Meira** foi assim, permeada desse grande amor, que nunca deixou sua alma estática ou inativa.

Nasceu do Matrimônio de José Augusto Meira Dantas e Anésia de Bastos Meira, Augusto foi o 6º filho de uma prole de 09: Otávio Augusto, Cécil Augusto, Clóvis Olinto, Rui Augusto, Silvio Augusto e as filhas Dióris, Eynar e Decélia. Seu pai, brilhante advogado de tradicional família nordestina, escolheu viver no Pará e foi morar em Santarém, atuando como promotor público. Foi na "pérola do Tapajós" que conheceu e se enamorou de Anésia. Depois de um tempo, foram morar em Belém, inicialmente em uma casa no Largo da Memória.

Augusto veio ao mundo em um dia de guerra e partiu dele em um dia de grande júbilo. Nasceu em 05 de Agosto de 1915, quando as tropas alemãs tomavam Varsóvia. Um paradoxo: o amor em meio a 1ª Guerra Mundial. Partiu para a eternidade em 08 de julho de 1980, dia da chegada a Belém do então Papa, hoje São João Paulo II, que vinha

ao Brasil em peregrinação. Augusto morreu quando se arrumava para ir ver a passagem do Santo Padre pelas ruas. Dom Alberto Gaudêncio Ramos, na celebração da Missa de 7º dia presidida por ele na Catedral Metropolitana de Belém, mencionou que o coração de Augusto Meira Filho, não havia resistido a tanta alegria e tanta graça. Dom Alberto proclamou: "*A causa mortis* de Augusto Ebremar, foi o amor."

Estudou o primário no Colégio Marista N. Sra. de Nazaré. Muito tempo depois, aquele menino marista teria a honra de pertencer à Diretoria da Festa de Nazaré, sendo junto com sua esposa um dos casais responsáveis pela maior festa de fé do povo paraense: o Círio. Era devoto de Nossa Senhora. O colega de escola José da Silveira o descreveu como "*um espírito vivo e irrequieto, de palavra fácil e dominadora, cabelos longos, como se usava, pelos ombros e complexão robusta*". Para o historiador Mário Barata, Augusto Meira tinha "*um rosto sereno, fino e bom, apesar de ter dentro de si uma veia polemista. Era um ser raro, pela inteligência e sensibilidade, mas sobretudo pelo poder de magnetizar, para o bem, os que o ouviam*".

Concluiu os estudos secundário no Colégio Paes de Carvalho e iniciou sua carreira pública aos 20 anos, impulsionado por Octávio, seu irmão mais velho. Augusto foi 2º Oficial da Câmara dos Deputados. Graduou-se em Engenharia Civil pela Faculdade de Engenharia do Pará. Trabalhou como desenhista, Auxiliar de Engenheiro e chegou a ser Engenheiro Auxiliar da Diretoria de Obras do Estado do Pará. Em 1943 assumiu o cargo de Diretor do Serviço de Águas do Pará, onde seu interesse pela evolução urbanística da cidade se acentuou. Tanto que foi fundador da Associação Brasileira de Saneamento e da Associação Interamericana de Engenharia Sanitária.

Neste mesmo ano aconteceria mais um momento marcado pelo amor na vida de Augusto: o Matrimônio com Maria de Lourdes Freitas de Meira. Um amor forte até a morte, que frutificou em 08 filhos: Néilson, Maria Cristina, Regina, Wilson, Milton, Aurélio, Édson (já falecido) e Márcio. Moravam em uma casa construída por eles, na Travessa Benjamin Constant, esquina com a Av. Braz de Aguiar. Como relata seu filho caçula Márcio: "*Naquela casa cresceram e habituaram-se a um espaço caloroso, envolvente e marcado pelas portas entusiasticamente abertas ao mundo político, artístico e intelectual brasileiro que circulava pela cidade de Belém das décadas de 1950 a 1970*".

Quando saiu do Departamento de Águas, Augusto Meira foi trabalhar como Engenheiro no Banco de Crédito da Borracha, atual Banco da Amazônia, onde trabalhou

até se aposentar. Entretanto, Augusto era polivalente: além da Engenharia, que exercia como profissional liberal em um escritório no Edifício Importadora de Ferragens, amava a poesia, a história, a política, a preservação do patrimônio, as artes e o jornalismo (era articulista do jornal A Província do Pará). Um de seus grandes feitos foi a fundação da Sociedade Artística Internacional, uma entidade privada sem fins lucrativos, responsável por grandes eventos artísticos na cidade, dentre eles o Salão de Artes Plásticas. Para quem não sabe, a SAI ocupava o prédio onde hoje funciona a Academia de Letras do Pará.

Possuidor de gosto refinado e erudito, Augusto amava a música e tinha especial predileção por Beethoven, especialmente a 5ª e a 9ª Sinfonias. E neste momento, faço um parêntesis para agradecer ao Maestro Jonas Arraes, bondoso amigo, que conseguiu a partitura da composição "Cantiga de Infância", letra e música de Augusto Meira Filho, que está nos arquivos "Brazilian Music at the British Library", na Inglaterra, e que os músicos Marcus Guedes e Humberto Azulay executaram tão virtuosamente esta noite.

A paixão pela cidade e a defesa do seu patrimônio cultural e ambiental, o levaram a entrar na política. Foi eleito vereador nos anos de 1960 e chegou à Presidência da Câmara, cujo edifício o honra hoje com o seu nome. Nessa mesma década, já era membro da Sociedade dos Amigos de Belém, tendo sido o seu primeiro presidente. A mente irrequieta e brilhante produziu ao longo dos anos, "um espólio de artigos, folhetos, livros, pronunciamentos e iniciativas em prol da sua apaixonada Belém do Grão Pará", como disse Donato Mello Júnior. Dentre suas mais importantes publicações estão:

- Evolução Histórica de Belém do Grão-Pará, sua principal obra, reeditada recentemente nas comemorações do centenário de seu nascimento;
- Mosqueiro: Ilhas e Vilas;
- Contribuição à História de Belém;
- O Bi-Secular Palácio de Landi;
- Landi, esse desconhecido (O naturalista)

(E aqui declaro que fui apresentada ao arquiteto oitocentista bolonhês por estes dois belíssimos livros de Augusto Meira Filho. Na verdade, Meira me apresentou Landi e por meio de Landi foi que conheci Meira. Duplo presente).

- Meu Canto de Rua (livro de poemas, publicado postumamente)

A ilustre Professora Anunciada Chaves falou da pluralidade de Augusto Meira: *"Engenheiro, jornalista, diplomata, historiador, poeta, músico e compositor (...) Amigo*

*de Belém ele o foi, sem dúvida, porém mais que amigo, enamorado, enlevado com sua beleza, seduzido por seu encanto, aquecido pelo seu calor".* Sim, o amor por sua cidade natal lhe deu o título do "eterno namorado de Belém". Mais um caso de amor!

Dentre tantas tarefas, Meira Filho ainda encontrava tempo para atividades diplomáticas, tanto que foi o primeiro Cônsul Honorário da França. Foi também membro da Academia Paraense de Letras, Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Este mesmo Instituto que no dia 1º de julho deste ano, elegeu-me como Sócio Efetivo, para a nova cadeira de número 45, em homenagem a Augusto Meira Filho, tornando-me herdeira deste precioso legado

O IHGP foi fundado em 1900 e funciona, desde a década de 1970 em um dos mais antigos e belos solares da cidade: o Solar do Barão de Guajará, com sua simétrica fachada neoclássica, adornada por pretéritos azulejos brancos e azuis. Desde 1950 o prédio foi inscrito nos Livros de Tombo Histórico e de Belas Artes do IPHAN. Ao ser admitida, passo a dividir com seus ilustres o conhecimento de nossa História, Geografia e Cultura, em todas as suas aplicações à vida social, política e econômica. Uma honra imensurável. Registro aqui meu profundo agradecimento à minha Mestre Prof<sup>a</sup> Jussara Derenji que me recebe nas portas desta casa com sua saudação e a todos do IHGP, por tão grande honraria que me concederam.

O Maestro Waldemar Henrique dizia que Augusto Meira era alguém "*a quem jamais faltou genialidade e virtude para dar conta de tantas e tão variadas missões, fossem de ordem política, profissional, cultural, artística, social ou como chefe de família sempre admirável.*" Espero corresponder a confiança em mim depositada pelo IHGP e, inspirada na humildade de minha Santinha de Lisieux, coloco-me ao dispor desta ilustre casa.

Finalmente, gostaria de agradecer à família Meira, especialmente Aurélio, Milton e Márcio, que me apresentaram um Augusto que não estava descrito nos livros. Em um fim de tarde, depois da chuva, colocamos nossas cadeiras na calçada das lembranças, e fomos recordar este grande homem. Aquele descrito pelo Prof. Clóvis Silva de Moraes Rego como alguém que "*não tinha inimigos; um irresistível semeador de afetos. Grande alma, toda ela impregnada de ternura*". Aspiro um dia ser lembrada dessa maneira tão grandiosa.

Finalizo com um pequeno trecho do poema "Belém", escrito por Meira Filho, em janeiro de 1957:

**"Se Belém fosse inteiramente minha**

**Quando eu morresse**

**A levaria comigo no aroma das margaridas...!"**

Margaridas como estas que ornamentam nesta noite salão Nobre da ACP, às quais peço com simplicidade, modéstia e delicadeza, que simbolizem meu recado a **Augusto Ebremar de Bastos Meira**: Belém é, e sempre será sua eterna namorada. Este é um **AMOR** imortal!

*Paula Andréa Caluff Rodrigues*